



Bíblia apócrifa: Segundo Testamento. Organização e tradução: Jacir Faria de Freitas (org.).
Petrópolis: Vozes, 2025. 783p.

A voz dos cristianismos ocultos: a *Bíblia Apócrifa*, de Frei Jacir de Freitas Faria

Filipe Amaral Rocha de Menezes*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
filipearm@ufmg.br

Aos 5 anos de idade, o menino Jesus estava brincando em uma correnteza de água, depois da chuva. Recolhia a água em pequenas poças, e a tornava límpida em um instante, dominando-a só com a sua palavra.

(Evangelho da Infância de Jesus segundo Pseudo-Tomé)

Essa pequena e encantadora história do menino Jesus a brincar não pode ser encontrada na Bíblia lida aos domingos nas igrejas. No livro mais conhecido do mundo, a Bíblia, da história de Jesus antes de seu ministério – iniciado aos trinta anos –, tem-se apenas o relato do seu nascimento, também repleto de acontecimentos maravilhosos, e o episódio de uma visita ao Templo de Jerusalém aos doze anos, quando surpreende os sábios com seu conhecimento das Escrituras.

Mas, o que ocorre do nascimento até a aparição no Templo? O que acontece, também, até o início de seu ministério? As lacunas na história de Jesus são muitas. Algumas dessas perguntas podem ser preenchidas ou respondidas quando o leitor se aproxima de uma série de textos produzidos que, de forma análoga aos textos bíblicos, pretendiam contar outras histórias, trazendo à luz versões alternativas, complementares ou aberrantes e contrárias às adotadas como oficiais.¹

A *Bíblia apócrifa: Segundo Testamento*, publicada pela Editora Vozes em 2025, sob a coordenação, organização e comentários solares de Frei Jacir de Freitas Faria, oferece um amplo espectro de narrativas que, a contrapelo do texto canônico, iluminam texto e contexto do Segundo Testamento. Esses textos não constam das listas que definiram o cânone bíblico. Após séculos de discussões sobre diversos critérios de cada livro para

* Mestre e Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

¹ Freitas, 2009.



estar ali arrolado, o cânone determinou quais livros comporiam as listas oficiais tanto da Bíblia hebraica quanto cristã.

“Bíblia”, como se sabe, é um substantivo plural de origem grega que significa “livros”. O termo é utilizado para se referir ao conjunto de livros sagrados que formam uma verdadeira biblioteca de textos considerados inspirados. Setenta e três textos compõem a versão católica, sessenta e seis a protestante e trinta e nove a judaica. Segundo Frei Jacir de Faria, a ideia de listar os livros inspirados, ou seja, a definição e o estabelecimento de um cânone, surge entre os judeus por volta do século III, antes da Era Comum, consolidando-se e sendo acrescida pelos cristãos em suas versões até por volta do século XVI. A diferença entre as Bíblias cristãs decorre, principalmente, de critérios adotados para definir qual livro teria ou não inspiração divina, tais como a língua de composição, autoria ou grupo escritor, frequência e popularidade de uso. A coleção de textos publicada na *Bíblia apócrifa* reúne, portanto, textos que ficaram fora e à margem dessas listas e que, muitas vezes, tiveram sua leitura censurada e proibida pela Igreja.

Cerca de duzentos livros apócrifos não estão incluídos na Bíblia canônica, embora sejam de fundamental importância para uma compreensão mais ampla da fé judaica e cristã. “Apócrifo”, outro substantivo grego, significa “escondido”, “oculto”, “secreto”. Esses livros foram destruídos, ocultados ou tiveram seu uso restrito por serem considerados heréticos, por conterem ideias e interpretações da fé diversas das do grupo hegemônico. Eles fazem ouvir vozes de cristianismos que foram silenciadas e, por isso, condenadas ao esquecimento.

A *Bíblia apócrifa*, organizada, traduzida e comentada por Frei Jacir, estrutura-se na reunião desses textos fora do cânone sob critérios de conteúdo e de gênero literário que lançam luz sobre esses textos quase perdidos. Quanto ao conteúdo, eles podem ser classificados como: aberrantes, porque exageram as narrativas sobre Jesus e seus seguidores, contrariando elementos historiográficos, como a narrativa do trecho em epígrafe e os demais evangelhos sobre a infância de Jesus; complementares, que oferecem informações adicionais, sem incorrer em exageros, como os diversos livros que relatam a vida de Maria, fundamentais para a construção da fé mariana; alternativos, que se opõem ao cristianismo hegemônico, muitos oriundos do pensamento gnóstico, como nos *Evangelhos de Maria Madalena, de Tomé e de Judas Iscariotes*, este último apresentando uma narrativa quase antagônica as relatadas nos Evangelhos canônicos.

Quanto ao gênero, os apócrifos aproximam-se ao do cânone bíblico, pois seu estilo é muito semelhante, mas preenchendo algumas lacunas do estilo enxuto da Bíblia canônica.² Frei Jacir os organiza em: Evangelhos do nascimento e da infância de Jesus, que procuram demonstrar outros aspectos de sua natureza humana e divina, conforme seu propósito; Evangelhos sobre Maria e José, que trazem informações adicionais sobre

² Frye, 2004.



os pais de Jesus; Evangelhos da paixão, morte e ressurreição de Jesus, que apresentam acontecimentos complementares aos relatos canônicos; História de Pilatos, que ilumina essa figura emblemática; Evangelhos gnósticos, que recontam a história de Jesus sob a perspectiva de grupos gnósticos, com ensinamentos voltados à contemplação, ao ascetismo e às abstinências; Atos dos Apóstolos, registros das atividades missionárias dos primeiros seguidores de Jesus; Cartas, seguindo o modelo epistolar do cânone, incluem correspondências até então desconhecidas; Apocalipses, relatos e previsões sobre o fim dos tempos, muitos de cunho gnóstico, com visões divergentes.

Na introdução, Frei Jacir afirma que há uma relação intrínseca entre a literatura apócrifa do Segundo Testamento e a canônica. Os autores intitulavam seus escritos como “evangelhos”, “atos”, “cartas” ou “apocalipses”, tal qual a Bíblia canônica. Embora compartilhassem com ela o objetivo de divulgar a fé cristã, os textos apócrifos oferecem pontos de vista distintos, chegando a apresentar visões inusitadas aos relatos teológicos ou históricos dos textos oficiais. Assim, ao apresentar alternativas, os apócrifos merecem ser lidos, levando-se em conta a sua diversidade tão singular quanto os testamentos da tradição considerados inspirados.

A *Bíblia apócrifa* proporciona, além disso, ao leitor contemporâneo, a possibilidade de contato com textos excluídos e escondidos por séculos, perseguidos pela hegemonia cristã, resgatando correntes de pensamento condenadas ao esquecimento. Eles representam, de maneira mais diversa, a linguagem mitológica do cristianismo que exerceu enorme influência sobre a teologia e as artes da Idade Média até os nossos dias, o que ressalta ainda mais sua riqueza de abordagem do sagrado e do profano. Sobretudo, o estudo desses textos, em comparação com os canônicos, estimula o espírito crítico que, a partir de uma abordagem comparatista, evidencia o inevitável encontro entre o evangelho e a cultura, marcado profundamente pela diversidade de pensamento, contra o fundamentalismo religioso. Os estudos dos textos que compõem a *Bíblia apócrifa* e a compreensão de sua contribuição para a heterogeneidade são, ainda, importante lição para os tempos atuais, contra o fanatismo e a favor da coexistência.

Referências

Bíblia apócrifa: Segundo Testamento. Organização e tradução: Jacir Faria de Freitas (org.). Petrópolis: Vozes, 2025. 783p.

Freitas, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos: poder e heresias!* Petrópolis: Vozes, 2009.

Frye, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. Tradução: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

Recebido em: 10/4/2025 / Aprovado em: 16/4/2025